RESUMO

DA

HISTORIA DA ARCHITECTURA

NA

EUROPA

Antonio Rigaud Nogueira.

A architectura é a arte de construir segundo regras e proporções convenientes e de decorar os edificios. N'ella se deve attender sempre á utilidade pela satisfação ao fim a que se destina, e á belleza pela elegancia da forma e pela harmonia das proporções e das cores, o que a faz pertencer ao dominio das bellas artes, pelo accordo do bello e do util. Foi a primeira arte que floresceu no seio da sociedade, tendo marcado a infancia, a virilidade e a decadencia dos povos.

Um bom architecto precisa de ter conhecimentos muito complexos e Vitruvio quasi impoz que elle conhecesse todas as sciencias, como a historia, medicina, astronomia, litteratura e filosofia. É por isso que os architectos conseguiram imprimir um caracter de grandeza aos seus trabalhos e na Grecia a mesma designação de Latomi comprehendia os architectos, os esculptores e os pintores. Hoje porem ás suas attribuições são mais especiaes. Assim os

engenheiros exercitam-se menos nos effeitos architecturaes, nos effeitos do bello, e os archeologos nos uteis.

Em 1840 as nossas Côrtes decretaram edificios nacionaes e votaram verbas especiaes, ficando a cargo dos engenheiros a conservação d'elles.

Divide-se a historia da architectura em 3 epochas: antiguidade, edade media e renascença. A primeira comprehende as fases: oriental, egypcia, grega, etrusca e romana. A segunda: a latina, byzantina, lombarda, arabe, romanica e ogival. A terceira, a reacção com a edade media e uma reconciliação com a antiguidade.

A historia antiga remonta aos tempos primitivos. O homem tendo nascido fraco e inerme, mal pôde pensar, procurou o apoio de um ente sobrenatural, poder supremo, a quem attribuia todos os bens e males, e escolheu varios pontos onde mais

facilmente se puzesse em communicação com elle, sendo essa a origem dos templos, que deveriam ser primitivamente as grutas, visto que foram estas as primeiras habitações do homem. Estas grutas ao principio naturaes, fizeram-se depois artificiaes, dolmens ou antas, e deram origem á architectura indiana. Entre os povos pastores, forçados a uma vida errante, eram as tendas as suas habitações primitivas, mas de todos elles só os chinezes tomaram a tenda para typo. Nos povos sedentarios que viviam em choças, o templo foi muitas vezes uma choupana de maiores dimensões, mais elegante e adornada. Foi a cabana que forneceu os elementos da architectura grega e romana.

Os dolmens habilitam os archeologos a reconstruir as sociedades de que pouco se sabia, e os outros restos indicam o estado dos povos.

No estudo dos monumentos, destacam-se os edificios religiosos, porque são os mais

imponentes e mais duradoiros.

. N'este pequeno resumo que apresentamos da architectura na Europa, vamos como introducção ao seu estudo tentar esboçar rapidamente a historia da architectura na Assia e no Egypto que foram as fontes primordiaes que fecundaram a Grecia e Roma e depois todos os povos da Europa.

. Se a civilisação nos veio da India, esse velho colosso, hoje decrepito e opprimido, subjugado por varios dominios estrangeiros, e onde fomos buscar todos os elementos da nossa civilisação, atravez dos paizes intermedios, que nol-a transmittiram mais ou menos modificada mas sempre a mesma na sua essencia, e onde encontramos esboçados n'uma religião antiquissima todos os dogmas da religião christã, desde a trindade divina até á encarnação de Krishna no seio de uma virgem, não sendo a nossa Biblia mais do que uma modelação dos livros dos Vedas; se a civilisação nos veio da India, repetimos, não é menos certo que os vestigios do seu adiantamento artistico denotam uma architectura muito especial é certo mas muito longe de servir de modelo onde fossem copiar os povos seus successores na civilisação.

. E é para notar que os templos mais notaveis são relativamente modernos,

alguns depois do seculo 5.º da nossa era.

Costuma dividir-se a historia da India em duas epochas, indo a 1.ª desde os tempos mais remotos até ao anno 1000 da nossa era, e a 2.ª até aos nossos dias. A 1.ª comprehendia o Brahmanismo (Brahma, Vischnu e Siva), e a 2.ª o Buddhismo, religião reformada por Buddha. Os templos indios tambem se podem dividir em 3 classes: templos subterraneos, semi-subterraneos e a descoberto.

Dos primeiros, em forma pyramidal, abertos na propria rocha, mencionaremos o Templo de Elephanta, na ilha do mesmo nome, cuja data remonta ás eras nebulosas da India, uns 1500 annos antes da era christã. Os mais notaveis porem são as grutas de Ellora, das quaes o templo de Kilas é o mais bello e perfeito. O edificio central levanta-se no meio de um grande largo, tendo uma fachada magnifica do lado virado para a monta-

nha. Tem um grande portico, flanqueado por duas torres apresentando varias divisões interiores, e guarnecido de esculpturas. O templo, aberto no rochedo e completamente isolado, tem 5 naves de 5 metros e communica com a porta por meio de uma porte talhada tambem na rocha.

Os templos modernos pertencem á terceira cathegoria e são de uma construcção muito elegante e ricamente ornamentados. Citaremos o grande pagode de Madurá, chamado Tchultry, em que os pilares são geralmente figuras colossaes, verdadeiros primores de escultura.

O Eden-Theatro construido ultimamente em Paris é uma feliz e surprehendente adaptação da architectura indiana. Quer exterior quer interiormente o theatro apresenta o aspecto de um pagode, e é de um grande luxo de ornamentação.

O paiz porem que serviu verdadeiramente de berço á architectura europeia e de onde nos veio tambem a civilisação foi o Egypto.

A sua historia é classificada pelos seus reis. 5700 annos antes da nossa era começou a 1.ª epocha que foi até o anno 30 antes de Christo.

Ramée estudando a religião dos egypcios diz que elles tinham já as ideias de espirito e tempo, materia e espaço. O globo terrestre sahido do seio de Amon, deu logar a 8 deuses immortaes chamados Kabires. A ideia de divindade é uma concepção de coisas e não de pessoas.

No Egypto, como na India, começa por nos apparecer o templo monolithico; por exemplo, o de Ipsambul, aberto na vertente de um monte, com 4 figuras colossaes a ornarem-lhe a frente principal.

O templo monolithico veio ligar a arte egypcia com a indiana, porem nas outras construcções religiosas, o cunho indiano irá

pouco a pouco desapparecendo, ficando apenas a pilastra ou columna baixa e grossa e os tectos chatos da architectura indiana.

A architectura egypcia é inferior á grega pela elegancia, mas não tem rival pela solidez e grandiosidade na simplicidade.

Depois das Pyramides temos os Hypogeos.

A columna egypcia apresenta, em regra, um fuste quasi cylindrico, assente n'uma base circular muito baixa, que faz as vezes de plinthio. A altura desde a base até ao começo do capitel é de 4 a 8 diametros, tendo o capitel geralmente o diametro e quarto do fuste na base. A architrave nunca assenta directamente no capitel, mas sim sobre um dado que o remata, affectando este a forma de calices de flores, um dado com cabeças humanas esculpidas nas suas quatro faces. O tecto compunha-se de grandes lages apoiadas sobre os architraves.

As columnas, paredes e cornijas são cobertas de esculpturas e hieroglyphos pintados a azul ou encarnado. Como parte obrigada nos grandes templos veem-se os

obeliscos e as esphinges.

Diremos rapidamente as disposições do templo de Edfu, e sendo immutavel o typo geral e a sua forma de uma pyramide quadrangular truncada, fica assim feita a descripção de todos elles.

O templo acha-se contido n'um espaço murado, com uma primeira porta, ladeada por 2 torres pyramidaes chamadas pyloneos. Em seguida ha uma avenida de esphinges terminada por duas altas agulhas de granito, assentes sobre um plinthio quadrangular. De um e outro lado da porta dois colossos sentados, com as mãos sobre os joelhos, parecem guardar a entrada do templo; em seguida ha um grande pateo interior chamado propyleo, tendo de um e outro lado uma galeria coberta e erguendo-se ao fundo do pateo o templo propriamente dicto.

D'entre as ruinas do Egypto as mais notaveis são as do templo de Karnac. O tecto é sustentado por 12 columnas muito grossas com 23 metros de altura e mais 122 outras menores, dividindo a enorme

sala em 7 largos corredores.

Outros templos mais pequenos poderiamos mencionar, como os da illha Elephantina sobre o Nilo e o de Dendérah.

No seculo 4º antes de Christo começou o periodo dos Ptolomeus, com os capiteis representando cabeças humanas e com paredes entre as columnas até á meia altura, assim como as columnatas exteriores.

Os monumentos do Egypto classificam-se chronologicamente segundo o feitio dos pilares em 6 periodos: o 1º comprehende os quadrados, o 2º os octogonos e as columnas com cannellures, o 3º as columnas em feixes com capiteis em botões fechados, o 4º a columna de capitel em forma de sino invertido, o 5º o capitel coroado de folhas de palmeira e o 6º os capiteis ornados de cabeças humanas. Um outro periodo é o dos pilares ornados de figuras de reis e está intercalado entre os seculos 18 e 16.

O caracter dos edificios egypcios é o talude e as formas consagradas são dominantes.

*

Antes de terminar esta introducção digamos algumas palavras sobre a maneira de reconhecer os estylos.

Em geral o estylo reconhece-se pelas suas caracteristicas, que nós reduzimos a quatro: impressão caracteristica, que nos faz nascer no espirito, á simples inspecção da obra, uma presumpção para a determinação do seu estylo; o conjuncto geometrico, isto é, a sua forma; as materias que serviram para a fabricação do objecto e que podem fornecer indicações muito preciosas para a determinação da epocha; e finalmente a ornamentação que sendo a caracteristica mais importante só deve produzir o seu effeito depois da impressão, da vista do conjuncto e dos materiaes.

Architectura grega.

Começaremos o estudo da architectura na Europa, pela de um povo que pela sua civilisação, bellas-artes, litteratura e trabalhos scientificos attrahe constantemente a attenção dos espiritos superiores e dos homens de gosto. Se um estudo profundo das antiguidades asiaticas demonstra hoje que a Grecia foi o echo vibrante de uma civilisação mais antiga e de uma ordem ainda mais elevada, não nos deve porem fazer esquecer o papel eminente que o povo helleno desempenhou na historia universal.
É verdade que a Grecia não deve a si propria todos os elementos da sua grandeza intellectual, pois foi da Asia e do Egypto que os gregos trouxeram os elementos das suas crenças, das suas instituições e da sua filosofia, mas é tambem verdade que elles souberam metamorfoseal-as e fazer fructificar

largamente os germens e espalhar por todo o mundo occidental as suas proprias ideias e opiniões. Tudo o que ha de bello, de verdadeiro e de util na nossa civilisação actual da Europa emana dos gregos. Por maior que fosse o desvio, por mais falso e deploravel que fosse o caminho seguido durante a edade media, em que as nações europeias se guiaram por ideias contrarias ao seu caracter e espirito, é certo que ellas voltaram por fim aos elementos que tinham constituido a sociedade grega. Este facto positivo, glorioso para esta, mostra alem d'isso a excellencia e a verdade da civilisação grega, baseada sobre a razão. A lucta clara e patente entre a intelligencia e a sentimentalidade prosegue desde mais de 3 seculos e meio; continua hoje com successo para a verdade e com uma volta ás opiniões que asseguraram incontestavelmente aos gregos, durante muito tempo, a felicidade e a paz interna.

A architectura grega deve pois fixar a nossa attenção de uma maneira

muito especial; por isso lhe dedicaremos um estudo mais profundo e detalhado.

Foi do genio multiplo e brilhante, soberanamente são e forte, do povo grego, relativamente pequeno em numero, que sahiu a concepção da architectura mais simples, por a mais elegante, a mais racional e logica que conhecemos. Esta architectura teve um tal imperio e uma tal preponderancia sobre o espirito dos homens, que logo ao nascer, irradiou por todos os paizes circumvisinhos, e só foi desprezada e abandonada 8 seculos depois pela barbaria e trevas da edade media, que rebaixaram a humanidade durante perto de 12 seculos, até que emfim a Renascença veio resuscital-a e desde então até hoje não cessou de exercer o seu imperio sobre o espirito e o gosto das sociedades modernas.

É incontestavel que existe uma certa semelhança entre as architecturas grega e egypcia, podemos mesmo dizer que a arte grega é um derivado da arte oriental,

succedendo á influencia do despotismo asiatico a influencia de um regimen de liberdade, mas não devemos concluir como alguns archeologos, que uma não é mais de uma imitação pura e simples da outra. A arte grega emancipa-se e abandona as formas fixas, direitas e hieraticas.

Esta emancipação não tem logar senão insensivelmente, mas parece o principio da arte desde a sua origem; é assim que a civilisação da epoca homerica precede o desabrochar de um ideal mais puro que floresce no seculo 5.º antes de Christo.

A architectura grega inspirou-se evidentemente em certas porções, em certos detalhes do estylo egypcio do antigo imperio, para depois ao empregal-os fazer-lhes soffrer uma poderosa transformação.

A ordem dorica, por exemplo, offerece nas suas columnas, nos seus capiteis e nos seus architraves, analogias notaveis com as columnas, os abacos e os architraves dos tumulos de Beni-Hassan; nos seus triglyphos e metopas com o coroamento

dos pilares de Methenna. No Egypto, todos estes detalhes estão na infancia: o desenvolvimento do gosto não os emancipou. Succede completamente o contrario na Grecia; ahi, esses typos foram de tal forma modificados, de tal forma estudados nas inspirações que suggeriam que estas podem rigorosamente passar por creações originaes. O genio grego, poderosamente creador, assimilando as ideias e os typos de architectura estrangeira, ousou fazel-os seus, acclimal-os e emfim dar-lhes uma fase mais brilhante do que tinham na sua patria primitiva.

Dividiremos a historia da architectura grega em 5 epochas, indo a 1.ª desde os tempos primitivos até o anno 1100 antes da era vulgar.

Entre os monumentos dos tempos heroicos que são os mais bem conservados da Grecia historica, por causa da sua indestructivel solidez, mencionaremos as Acropoles que são os mais antigos

pois datam dos tempos achaicos. Na Acropole de Tiryns os muros de volta que teem uma espessura de mais de 8 metros, são atravessados longitudinalmente por galerias ou subterraneos postos em communicação com o pateo exterior do castello por uma fila de janellas. É tambem muito notavel a Acropole de Mykena, com a sua porta de leões.

A 2ª epocha vae do anno 1100 até 580 antes da era vulgar, e é então que appareceu a ordem dorica que tem uma relação indirecta com a emigração dorica, em 1104 antes da era vulgar. Vitruvio suppõe que a architectura grega tirou a sua origem da imitação da construcção de madeira, mas isso segundo Ramée não se pode admittir em absoluto. O nome da ordem dorica não pertence ao genio dorico, que nada contribuiu para as bellas-artes, e resulta d'essa ordem ter sido importada da Asia Menor para uma provincia

dorica - Corinthio. O nascimento da arte grega deve-se aos Jonicos de origem pelasgica, mas é á influencia auxiliar da migração dorica que se deve o renascimento das artes na Grecia e que deu o nome á architectura que d'ella proveio, assim como aos triglyphos e á cimalha, abaixo da cornija.

Desde os 3 degraos sobre que se levantam os templos gregos até acima do abaco da columna, tudo é um desenvolvimento da architectura egypcia. A' excepção dos tympanos, tudo desde o abaco até á cumieira é uma reminiscencia grega das constricções em madeira. O systema da columna como supporte não é mais do que uma imitação do poste de madeira, quadrado ou circular.

A columna é uma concepção da rasão guiada pela experiencia, com o fim de levantar um monumento inteiramente de pedra. A columna é a forma ou o corpo solido que offerece verti-

calmente maior resistencia ao peso perpendicular com o menor volume possivel, e sobretudo uma columna que não tenha por altura mais de 4 vezes o seu diametro inferior como as mais antigas conhecidas.

Mas o detalhe do entablamento mostra evidente recordação dos telhados de duas aguas nas construcções de madeira. É preciso porem convir que esta construcção soffreu uma tal metamorfose que equivale realmente a uma creação espontanea e original. Os templos completamente de pedra: columnas, entablamento e cobertura, appareceram primeiramente em Corintho quando os architectos juntaram um typpano ou frontão sobre cada uma das faces principaes.

Na parte superior da columna fez-se uma diminuição para fazel-a parecer ainda mais solida, e para destruir a apparente concavidade da linha recta contornal; os architectos inventaram um engrossamento chamado em grego entasis

á altura do meio da columna e que era de $\frac{1}{548}$ no Parthenon. As columnas doricas são canelladas em aresta viva em toda a altura, tendo ordinariamente vinte canelluras, as do grande templo de Poestum 24 e as do de Athenas Minias 16. Estas canelluras teem por fim concentrar e portanto diminuir a apparencia solida da face exterior sobre as arestas verticaes, emquanto que as concavidades circulares entre estas ultimas exprimem uma lei de concentração elastica que tende para o centro. A columna dorica não tem base, excepto n'alguns templos como no de Jupiter Olympico em Agrigenta.

Ainda que não tendo de alto senão um semi-diametro, o capitel dorico offerece uma grande saliencia, que diminue muito o comprimento do alcance do architrave, e compõe-se de 3 partes distinctas: collarete, ovado e abaco quadrado sobre o qual repoisa immediatamente o architrave que é um parallelipipedo rectangulas, mais alto que largo e collocado de chanfro.

É geralmente duplo e ás vezes triplo, como no Parthenon, liso, ornado somente de um listello, abaixo do qual e verticalmente sobre os triglyphos está a platebanda com as 6 gotas de forma conica. O friso dorico tem por ornamentação particular os triglyphos e as metopas. Os primeiros são ornados de canaes e as segundas eram primitivamente lisas sem esculptura. Só os triglyphos é que devem supportar as cargas. A cornija compõe-se de um lacrimal saliente terminado na parte superior por uma moldura. Abaixo do lacrimal estão as mutulas com as suas gotas. As pilastras não são adoptadas senão nos angulos e nas extremidades dos muros para receber as architraves e não teem relação com as columnas quanto á largura e ao capitel. Nunca se veem nos monumentos gregos, como nos romanos, uma pilastra collocada em frente de cada columna.

A cobertura, como o vigamento, era primitivamente de madeira, mas em todos os edificios que o tempo preservou, este é de pedra.

Tanto quanto é possivel reconhecer no vigamento de pedra ainda existente em Paestum e na Sicilia, havia exemplos de vestibulos ou pronaos, cobertos de madeira; mas, em todos os outros monumentos conservados, as coberturas das galerias exteriores eram de pedra. A cella tinha sempre uma de madeira, porque apesar da pequenez dos templos gregos, não poderia ser coberta de pedra sem empregar a abobada. Só os pequenos monumentos, como o templo de Pandrosa e a torre dos Ventos em Athenas, tinham coberturas de pedra. Eram geralmente de pedra nos propyleos de Athenas e de Eleusis como o provam as ruinas.

O que constitue sobretudo a belleza severa da ordem dorica é o emprego quasi exclusivo, absoluto, da linha recta. Stylobato, columnas, parede dos muros, entablamento, frontão, tudo é formado de linhas rectas. Todos os detalhes d'esta ordem nascem da linha horizontal e da linha perpendicular e cortam-se em angulos rectos, á excepção das mutulas

e dos dois lados do triangulo isoceles que formam o tympano sobre as faces principaes. Só se encontra a linha curva no ovado, parte central do capitel, no talão e nas canelluras das columnas.

Citam-se muitos architectos notaveis dos tempos afastados da Grecia, como Dedalo, Agamedes e Trophonios, Gitiados, Chalcicos, Spintharos, Hyperbios, etc.

A ideia fundamental do templo grego é a da separação absoluta do sagrado e do profano, e segundo o seu destino o logar onde estava collocada a representação da divindade devia ser solido, estavel e fechado em toda a volta. Por isso fortes muralhas, de pedras maciças, circumscrevem o espaço occupado pela cella sagrada que é quadrada e virada para o oriente.

Ainda que a architectura dorica tivesse offerecido um vasto campo ao espirito de invenção do homem e tivesse podido chegar insensivelmente á sua conclusão definitiva por meio de esforços e emulação, esta architectura foi todavia, desde a sua

origem, alguma coisa de estrictamente fixo por regulamentos sacerdotaes e por occasião do seu apogeu e da sua perfeição ficou por acabar e invariavel. Em opposição a ella formou-se uma architectura jonica, cujo desenvolvimento era independente e franco das regras invariaveis e podendo assimilar-se o que lhe convinesse.

N'esta architectura a columna é libertada da relação forçada que tinha com o muro do templo dorico. A cella do templo é distincta do portico e uma galeria aberta e formada de columnas circumscreve o conjuncto do templo exteriormente. O pé de cada uma das columnas não repoisa immediatamente sobre o solo, tendo uma base especial. Esta architectura abre um campo vasto ás exigencias locaes e ao gosto individual, e ao contrario dos monumentos doricos, os jonicos procederam sempre livremente.

A terceira epocha vae desde o anno 580 até ao anno 460 antes da era vulgar.

&UZ-&^<Z-=<--cXle^r^<S<_s / &**•*-£. -C-C4^<. 'Zél^Z^*

■~CL4tc 4X~£ft^i-*a^>ut, - <"• iC&^t^X^tr &Ó- '^<^<e<t-*xJ> -^O-' -^*e.* ^ U ^*

/ÚÍLóUl^L- && 4-£U> &-^J*^L^CaZ^4-*<t-- 0C '-e^O-Z. -^pf^tr/ •€. &t>-tt«-*